

## CÉU EM CIMA / MAR EM BAIXO: POESIA E RAZÃO CRÍTICA

Antonio CICERO<sup>1</sup>

Em lançamento da editora Topbooks, do Rio de Janeiro, o conjunto de poemas de CÉU EM CIMA / MAR EM BAIXO, de Alex Varela, pode ser lido como uma longa ode ao mar e às cidades à beira-mar, chamadas pelo poeta “cidades do olhar”. Tal celebração do mar é igualmente a celebração do olhar, do ver, do sol, da luz, da cor, do corpo, do espaço aberto, da paisagem, do prazer, da poesia. Trata-se, entre outras coisas, do elogio da imanência.

CÉU EM CIMA / MAR EM BAIXO guarda algumas das mais límpidas afirmações poéticas da imanência da própria infinitude: “Mar é o além que há/ além do mar não há”, diz o primeiro poema do livro, intitulado “Mar”. E se assim começa, o final volta aos inícios: “Mar é o além que a cidade contém”, afirma o poeta no derradeiro poema de seu livro, “A Cidade e o Mar”.

Outro poema, “Prazeres do Visível”, fala em “Ver até o inesgotável do ver e do ser/ ver e não crer”. Este último verso desfaz admiravelmente o dito popular, relacionado ao apóstolo Tomás, “ver para crer”, mas não o desfaz para afirmar a prioridade da crença, à maneira do *crede ut intelligas* (“crê para entender”) de Agostinho, mas simplesmente para descartá-la: é para ver que se vê, não é para crer; o ver basta a si mesmo, pouco importa a crença, como também se lê no “Poema do Visível”: “Eu sou aqui,/ cantor do visível,/ donde o sol banuiu as almas e seu teatro de sombras e trucagens”.

Valendo-se da forma comum às narrativas míticas de origem, o poema significativamente intitulado “Nosso Mito” começa falando de um tempo quando “O mundo estava às escuras” e “tudo era regido então pelo breu da Grande Indistinação”.

À figura da “Grande Indistinação”, deve-se então contrapor o uso classificatório e prosaico da linguagem.

A linguagem, que é um produto da razão crítica, potencializa tal capacidade de distinguir. E a luz da razão crítica, através das distinções que estabelece, dissipa o breu

---

<sup>1</sup> Antonio Cícero Antonio Cícero é filósofo, poeta e compositor. Publicou, entre outras obras: *Poesia e filosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. “Poesia e preguiça” (in: *Mutações: elogio à preguiça*. NOVAES, A. (org.) São Paulo: SESC, 2012), *Porventura*. Rio de Janeiro: Record, 2012 (poesias)

da “Grande Indistinção”. O que é por ela descrito é por meio dela discreto. Desta forma, distingue-se o sujeito do objeto, a substância das propriedades e relações, a matéria da forma, o corpo do espírito, o significante do significado, os indivíduos uns dos outros, etc.

Tais distinções são condições para que possamos conhecer e utilizar as coisas que há: para conhecê-las de modo a utilizá-las e utilizá-las de modo a conhecê-las.

Os próprios conceitos de conhecimento objetivo ou de objetividade do conhecimento, por exemplo, não seriam possíveis, caso a unidade do ser não houvesse sido cindida pela razão crítica em sujeito, por um lado, e objeto, por outro. Isso mostra que a razão crítica tem um sentido utilitário: ela serve para o conhecimento e a manipulação do mundo.

Contudo, a apreensão utilitária do mundo não é a única possível, e ao final deste extraordinário poema, “Nosso Mito”, lemos que “Poesia é a arte de alcançar de novo a indistinção / De alcançar a indistinção pela luz, / não pelo breu”. Trata-se de tal disponibilidade às manifestações do ser, na apreensão estética do mundo, que as distinções utilitárias estabelecidas pela razão crítica deixam de ter a última palavra.

Evidentemente, porém, não seria possível alcançar tal apreensão através da simples renúncia à linguagem. Isso, caso fosse factível, não passaria de uma regressão ao “breu da Grande Indistinção”.

A poesia não pode nem simplesmente recusar a linguagem nem simplesmente submeter-se à sua forma e uso prático ou cognitivo.

Não lhe seria possível nem desejável apagar a luz da razão crítica. O que ela pode fazer e efetivamente faz é usar a linguagem de um modo que, do ponto de vista da linguagem prática ou cognitiva, aparece como perverso, para obrigá-la a dizer “Tudo o que nunca pôde ser dito”.

Dest`arte, em “O Poema e a Rosa”, a constituição da linguagem poética surge declaradamente “Contra o princípio de razão”. Aí diz o poeta: “Escrever em versos não tem explicação. / Seu único intuito é ser. / Como a rosa de Angelus Silesius, o poema é sem porque”.

Contra o princípio de razão, o poeta aponta ainda à intransitividade da linguagem poética: “Poesia, verbo intransitivo”, diz em seu “Poema Resumo”, onde o vocábulo “verbo” é tomado em primeiro lugar no sentido originário de “palavra”. É a palavra poética enquanto tal que, ao contrário da palavra prática ou cognitiva, é inteiramente imanente, isto é, tem sua finalidade – logo, seu valor – em si própria, e não em qualquer objeto que a transcenda.

De volta ao poema de abertura deste livro admirável, o poeta diz do mar que “o além habita seu estar”. Assim também, o além do poema não está fora dele, mas lhe é imanente.

Nada disso quer dizer que um poema não tenha significado ou significados. O que ocorre é que o poema é sempre concreto, no sentido de consistir numa síntese indissociável de determinações semânticas, sintáticas, morfológicas, fonológicas, rítmicas, etc.

Exatamente porque o poema recusa as distinções e categorias da razão crítica, a importância e o papel que cada uma dessas determinações possui em cada poema jamais é dada a priori. É também por essa razão que não se pode abstrair o significado de um poema sem trair tanto o poema quanto o próprio significado abstraído. Pela mesma razão, enquanto, por exemplo, contradições, ambiguidades, falácias, etc, constituem defeitos em textos teóricos, elas podem perfeitamente representar elementos expressivos num poema.

É desse modo que, na poesia, as figuras de linguagem têm a função de anular as distinções utilitárias, em proveito da apreensão estética.

Ao empregar, por exemplo, a figura da personificação em “a paisagem é que me avista” (“Poema Resumo”), ou da paronomásia em “Hacer – acendo / (Eis aí o exemplo da palavra / Tomada / no sentido litoral)” (“A Palavra no sentido Litoral”), ou da catacrese, tanto em “uma idéia laranja; uma azul, outra amarela” (“Corcreta”), quanto em “A palavra carioca tem mais orlas que o Rio de Janeiro” (“Poema Resumo”) e em “nasci à beira mim / isto é, à beira mar” (“O Embarcadisso), o poeta comete de propósito aquilo que os lógicos, orientados pela razão crítica, chamariam de “confusão categorial”.

Ora, é exatamente através de tais procedimentos que a poesia consegue superar as distinções e categorias produzidas pela apreensão utilitária do mundo, tais como as já mencionadas, que distinguem sujeito e objeto, substância e propriedades, matéria e forma, corpo e espírito, significante e significado, etc. É, aliás, a linguagem utilitária do cotidiano que se revela artificiosa ante a fluência, a naturalidade e a limpidez da dicção desse poeta que tem “O coração e os olhos vestidos de calção”.